

O EMPREGO DE SUBMARINOS NA ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA*

*“Quando a China despertar, o mundo
tremeirá.”*

(Napoleão I)

ROBERTO KONCKE **FIUZA** DE OLIVEIRA
Capitão de Mar e Guerra

SUMÁRIO

Introdução	
Contexto geopolítico	
A República Popular da China (RPC)	
Interesses marítimos econômicos	
Interesses marítimos territoriais	
Mar do Sul da China	
Mar do Leste da China	
Caso Taiwan	
A Marinha do Exército Popular de Libertação (EPL)	
A formação da Marinha do EPL	
A Força de Submarinos da China	
Estratégia naval da China	
Estratégia naval da China	
Emprego de submarinos na estratégia naval da China	
Conclusão	

INTRODUÇÃO

No início do século XV, o almirante chinês Zheng He comandou expedições marítimas conhecidas no Ocidente como as “Viagens de Tesouro”¹. A China possuía

nesse período o mais eficiente Poder Naval comparado com as demais potências da época, como Veneza, Portugal e Espanha.

Não se sentindo ameaçada pelo mar e necessitando reforçar suas fronteiras continentais, a China orientou seu esforço ao Exérci-

* Monografia apresentada no CPEM 2008.

¹ De acordo com Fairbank (2007), foram grandes viagens realizadas pela Esquadra chinesa entre 1405 e 1433, com relatos indicando que seus navios atingiram a costa leste do continente africano.

to. A dinastia Qing, que sucedeu em 1644 ao último imperador da dinastia Ming, proibiu qualquer tipo de comércio com o exterior, desativando estaleiros e queimando projetos de construção de grandes navios. Uma extensa e larga faixa de terra ao longo de seu litoral foi queimada, e sua população foi transferida para o interior (MENZIES, 2007).

Com um elevado sentimento de xenofobia, a China renunciou à sua tradição marítima, retirando-se para um longo isolamento do mundo exterior.

A partir da década de 1980, a República Popular da China (RPC) passou a apresentar um vigoroso crescimento econômico, que a alçou à condição de influente ator estratégico no cenário internacional.

Para respaldar seus crescentes interesses marítimos territoriais e econômicos, a China necessita de uma Marinha com credibilidade. Nesse contexto, os investimentos realizados na área de defesa representam a preocupação do Partido Comunista Chinês (PCC) com a modernização de suas Forças Armadas.

A Marinha do Exército Popular de Libertação (MEPL) estabeleceu uma Estratégia Naval na década de 1980 visando a obter capacidade de exercer influência global até 2050. Para tal, os submarinos passaram a ter prioridade no programa de reaparelhamento, sendo incorporadas, entre 1995 e 2005, 31 novas unidades.

Nesse contexto, a presente monografia tem como objetivos discutir os interesses marítimos econômicos e territoriais da RPC relacionados ao seu atual cenário geopolítico; descrever a situação da Força de Submarinos da China; e analisar a maneira pela qual a Marinha chinesa empregará seus submarinos dentro do escopo de sua Estratégia Naval.

Desse modo, no Capítulo 2, o trabalho inserirá a RPC no contexto geopolítico do Leste/Sudeste Asiático, desde a sua formação em 1949. Em seguida, apresentará os interesses marítimos territoriais e econômicos da China, além de examinar as relações da RPC com Taiwan.

No Capítulo 3, o autor discorrerá sobre a formação da Marinha e sua inclusão na estrutura militar chinesa. Examinará, ainda, a Força de Submarinos da China, bem como sua dependência em relação à ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em seguida, o autor discutirá, no Capítulo 4, a influência da ex-URSS na Estratégia Naval da China, adotada pelo Almirante Liu Huaqing, e de que forma os submarinos poderão ser empregados de modo a tornar efetiva a referida Estratégia.

CONTEXTO GEOPOLÍTICO

“A geopolítica é a ciência das relações da terra com os processos políticos.” Baseia-se nos amplos fundamentos da geografia, especialmente da geografia política, que é a ciência do organismo político no espaço e, ao mesmo tempo, de sua estrutura. Ademais, a geopolítica proporciona as armas para a ação política e diretrizes para a vida política em seu conjunto.

Assim, a geopolítica se converte numa arte, a arte de guiar a política prática. “A geopolítica é a consciência geográfica do Estado”. (SILVA, 2003, p.24)

A República Popular da China (RPC)

A tradição milenar imperial da China² é interrompida em 1912 pelo Partido Nacionalista³ de Sun Yat-sen, que ascende ao poder

² Fairbank (2007) relata indícios da existência da Dinastia Xia desde 2200 a.C. (data aproximada).

³ Ou Kuomintang (KMT).

após proclamar a República. A China estava, nesse período, sob forte influência cultural e econômica japonesa, devido à sua derrota em 1895 na Guerra Sino-Japonesa, conforme descrito por Fairbank (2007):

A inesperada e esmagadora derrota da China em 1895 para o Japão levou os chineses a imitarem-no. A preocupação condescendente do Japão com a China, embora arrogante, era expressa na doutrina de que o sucesso na modernização do Japão deu-lhe o dever de ajudar os chineses retardatários. Sociedades secretas expansionistas e militares japoneses transformaram-se em investigadores exaustivos da vida e das condições chinesas, enquanto os eruditos investigavam a cultura comum aos dois países. (FAIRBANK, 2007, p. 228)

A primeira década que se seguiu ao início da República foi caracterizada, de acordo com Fairbank (2007), por uma grande desordem político-social. Buscando uma identidade para a nova sociedade chinesa, e ao mesmo tempo tentando se libertar da influência japonesa, surgiram movimentos sociais que acabaram levando à fundação do PCC, em 1921.

Após o rompimento do PCC, de Mao Tsé-Tung, com o Kuomintang (KMT), a China enfrentou uma guerra civil envolvendo os dois partidos.

O ataque do Japão à Manchúria em 1931 e, posteriormente, a Xangai e à área de Pequim-Tianjin despertou na população chinesa um forte sentimento nacionalista e xenófobo, unin-

do novamente o PCC e o KMT para expulsar de seu território o inimigo comum.

O grande esforço militar na guerra contra os japoneses desgastou o KMT, tornando-o vulnerável na continuação da guerra com o PCC, após a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Com a vitória dos seguidores de Mao, o KMT instala-se na Ilha de Formosa, hoje Taiwan, dando origem ao grave problema de disputa de soberania, que será abordado adiante.

Em 1º de outubro de 1949, em palanque colocado no Portão da Paz Celestial (entrada principal da Cidade Proibida, em Pequim), Mao Tsé-Tung declara fundada a República Popular da China.

O triunfo do PCC gerou expectativas na população de que a estabilização política e a redefinição do sistema econômico colocariam a China novamente no caminho do desenvolvimento por meio da industrialização, possibilitando sua inserção como uma potência regional na Ásia (PRIMO, 2007).

Assim, aproveitando a experiência soviética, o sistema econômico foi definido por metas dos planos nacionais de desenvolvimento (planos quinquenais) que, inicialmente, previam a reconstrução da economia chinesa, após um longo período de lutas internas e externas (FAIRBANK, 2007).

Na primeira década da RPC, o sistema baseado na propriedade coletiva dos meios de produção favoreceu a recuperação da economia agrícola.

O fracassado experimento do “Grande Salto para Frente”⁴ e a “Revolução Cultural”⁵, além de retardarem a consolidação do proces-

⁴ Consistiu em várias medidas econômicas, sociais e políticas adotadas pelo PCC, visando à industrialização da China. Fairbank (2007) cita que cerca de 20 a 30 milhões de chineses morreram no período de 1958 a 1960, em virtude de desnutrição e fome causadas pelo fracasso do plano, em que salários seriam reduzidos e substituídos por entusiasmo e autossacrifício.

⁵ Movimento que gerou a expressão “dez anos perdidos”, permitindo a Mao Tsé-Tung consolidar seu poder, eliminando intelectuais e críticos do PCC, na maioria das vezes por meio de grupo de jovens organizados em comitês revolucionários (PRIMO, 2007).

so de industrialização, impuseram desafios de ordem política ao PCC (PRIMO, 2007).

Em 1972 esse quadro econômico começou a se reverter, principalmente após o início da aproximação chinesa com os EUA. Após a morte de Mao, em 1976, ascenderam ao poder reformistas liderados por Deng Xiao Ping, que abriram caminho para a aplicação das “Quatro Modernizações” (agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa), impulsionando a China a um processo de mudança social e econômica sem precedentes para o mundo em desenvolvimento (MARRONI, 2007).

Dentro do programa de reformas, a abertura de “Zonas Econômicas Especiais” (ZEE)⁶ e o estímulo a *joint ventures* estrangeiras e ao setor não estatal outorgaram grande dinamismo à economia e ao comércio (FAIRBANK, 2007).

De acordo com Goldman (2006), esse programa de reformas de Deng, intitulado “Socialismo com Características Chinesas”, aliava o direcionamento para uma economia de mercado e para a arena internacional, com o PCC presente e atuante.

Com a economia se expandindo em uma média de mais de 9% ao ano nas últimas duas décadas do século XX e nos anos iniciais do século XXI, a economia chinesa é a que cresce com mais rapidez no mundo. De fato, com as receitas *per capita* mais que quadruplicando desde 1978, a China obteve um crescimento econômico sem precedentes na história (GOLDMAN, 2006, p.372).

Com um crescimento médio de seu PIB próximo a 10%, enquanto a média mundial não chegou a 3%, a economia planificada dos anos 70 deu um grande salto, transformando a China na primeira economia do mundo em desenvolvimento, na quarta potência econômica mundial e na segunda em Paridade de Poder de Compra (PPP)⁷, atrás apenas dos Estados Unidos da América, tornando-se um importante ator no cenário internacional (GOLDMAN, 2006).

Um dos exemplos da busca pela liderança estratégica na Ásia, a China, por meio da Shanghai Cooperation Organization (SCO)⁸, procura fomentar a cooperação econômica com a Rússia e países da Ásia central, priorizando mecanismos de defesa comuns contra o terrorismo e o suprimento de energia entre seus participantes. A SCO, de acordo com Marroni (2007, p. 14), “funciona como instrumento de diplomacia, política de defesa e um fórum para ordenação de assuntos econômicos”.

No Leste/Sudeste Asiático, a relação da China com os países membros da Asean⁹ vem se estreitando, buscando a China paz e prosperidade na região, ratificando as palavras do *premier* Wen Jiabao declaradas em 2004: “A Ásia só pode crescer de verdade mediante a cooperação mútua” (SILVEIRA, 2007).

Conforme previsto na sua Política de Defesa Nacional, a China busca, além de um desenvolvimento pacífico, uma convivência harmoniosa, promovendo a paz, a estabilidade e a prosperidade na região Ásia-Pacífico (FAS, 2006).

⁶ Moderno conceito de zonas francas. Podem ser públicas ou privadas. De acordo com Primo (2007), existem mais de 160 ZEE na China, dos mais diferentes tipos.

⁷ Paridade de Poder de Compra é a taxa de troca derivada da paridade de poder de compra de uma moeda em relação a outra moeda (Goldman, 2006).

⁸ Dela participam, além da China, Rússia, Kazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão (MARRONI, 2007).

⁹ Associação das Nações do Sudeste Asiático, composta inicialmente por Filipinas, Indonésia, Malásia, Tailândia, Cingapura, Brunei, Vietnã, Mianmar, Laos e Camboja. Tem como objetivo acelerar o crescimento econômico e fomentar a paz e a estabilidade regional.

Apesar de militarmente forte, como veremos adiante, a China também se utiliza do “Poder Brando”¹⁰, que, na definição de Nye Jr. (2002), corresponde à habilidade de atrair outros graças à legitimidade das políticas de um país e seus valores, com a concepção de uma política externa mais flexível e suave, de maneira a atrair mais países para sua órbita.

Um dos mais destacados exemplos de seu “Poder Brando” é o aprendizado mundial de mandarim (língua oficial da RPC). De acordo com Arias (2005), existem cerca de 100 milhões de pessoas estudando mandarim em 2.300 universidades distribuídas em mais de cem países.

Porém, conforme previsto em seu *Livro Branco da Defesa* (FAS, 2006), alguns desafios não podem ser negligenciados. Nesse contexto, a China mantém o desenvolvimento de seu “Poder Bruto”¹¹, baseado em força militar, inclusive a parcela nuclear do mesmo, tendo em vista as disputas territoriais no Mar do Sul da China, interesses marítimos econômicos e, ainda que reduzidos nos últimos anos, os assuntos envolvendo forças separatistas em Taiwan, que poderá contar com o apoio norte-americano.

Interesses marítimos econômicos

O *Livro Branco da Defesa da China* (FAS, 2006) relata que o mundo atual não é totalmente pacífico. Dentre os principais motivos para que isso ocorra destacam-se a escassez de

recursos, a busca por fontes de energia e a ameaça às rotas internacionais de comércio.

As linhas de comunicações marítimas (LCM) são de fundamental importância para a China. Os estreitos de Málaca, Sunda e Lombok interligam o comércio marítimo internacional com o interior do Mar do Sul da China. Cole (2001) relata que 85% do comércio chinês é transportado por navios, evidenciando, nesse contexto, a importância estratégica da região.

Com uma população que ultrapassa 1,3 bilhão de pessoas, a China é a maior produtora mundial de pescados, com 48 milhões de toneladas por ano¹². Com uma frota pesqueira que ultrapassa os 160 mil barcos, tripulados por mais de 1 milhão de pescadores¹³, o governo de Pequim tem procurado estabelecer acordos bilaterais com países da região, visando a preservar áreas

onde esses recursos vivos estejam se esgotando. O esforço chinês alcançou resultados satisfatórios no Mar Amarelo e no Mar do Leste da China; porém, no Mar do Sul da China, por falta de cooperação dos demais países da região, o efeito alcançado está aquém do desejado (COLE, 2001).

Para fiscalizar as ações acima descritas, sob a égide do Ministério da Agricultura, a China construiu um grande número de navios-patrolha de pesca. Ressalta-se que a Marinha não possui responsabilidade direta nessas atividades.

Existiam, em 2005, cerca de 100 milhões de pessoas estudando mandarim (língua oficial da China) em 2.300 universidades distribuídas em mais de cem países

¹⁰ Tradução de Soft Power.

¹¹ Tradução de Hard Power.

¹² Palestra proferida em 9/jul/08 pelo ministro da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República, na Escola de Guerra Naval.

¹³ COLE, 2001, p. 64.

É inquestionável que as necessidades energéticas da China seguirão aumentando, acompanhando seu crescimento econômico. Como cenário de referência, é previsto, de acordo com a Agência Internacional de Energia, que a demanda de energia primária chinesa aumente de 1,74 bilhão de toneladas equivalentes de petróleo em 2005, para 3,81 bilhões de toneladas em 2030, correspondendo a um aumento médio anual de 3,2%¹⁴. De acordo com o Departamento de Defesa dos EUA (USA, 2008), a China é o segundo maior importador mundial de petróleo, atrás apenas dos EUA. “Petróleo é o mais proeminente interesse econômico costeiro da China.” Com esta colocação, Cole (2001) corroborou a importância desta matéria-prima no desenvolvimento econômico chinês.

Companhias de petróleo estrangeiras, como Shell, British Petroleum (BP), Mobil, Exxon, além da China National Offshore Oil Corporation (CNOOC), exploram o Mar do Sul da China, com a expectativa de grandes reservas nas proximidades das Ilhas Spratly (COLE, 2001).

A demanda chinesa por petróleo passará dos atuais 7,58 milhões de barris por dia (mbd) para 10 a 12 mbd em 2015 (USA, 2008). Com a produção nacional se estabilizando, as importações brutas equivalem (dados do 3º trimestre de 2007) a mais de 53% de seu consumo. Destaca-se que cerca de 80% de suas importações de petróleo (em 2006 seus principais fornecedores eram: Arábia Saudita-16%, Angola-16% e Irã-12%) passam pelo Estreito de Málaca (USA, 2008).

Uma maneira encontrada pelo governo chinês de reduzir a dependência do transporte marítimo de petróleo importado, minimizando sua dependência das LCM, foi a ligação direta das grandes reservas energéticas do Mar

Cáspio com a China territorial através de um grande oleoduto unindo o Kazaquistão à China. A meta chinesa é iniciar o bombeamento, inicialmente com 0,4 mbd, em 2011. O projeto prevê a construção de oleodutos e gasodutos também com o Uzbequistão e Turcomenistão¹⁵. Merece destaque o estudo desenvolvido conjuntamente com a Rússia, conforme exposto por USA (2008), para a construção do oleoduto East Siberia-Pacific Ocean, com capacidade de 1,6 mbd.

No contexto acima referenciado, o governo chinês também está investindo em recursos renováveis, procurando diversificar sua matriz energética. A China, de acordo com Ventura Filho (2008), possui o maior potencial hidrelétrico do mundo, estimado em 350 mil MW. Está construindo diversas usinas hidrelétricas, destacando-se a de Três Gargantas, no Rio Yang-Tsé, considerada a maior hidrelétrica¹⁶ do mundo. Existe também a previsão de construção de mais 12 represas ao longo desse mesmo rio (SCOFIELD, 2008).

Na visão do autor, fica evidente nos dias atuais a dependência externa chinesa por petróleo, transportado por via marítima, para sustentar seu grande desenvolvimento econômico e industrial, em que pese o grande esforço governamental para reverter tal situação. As questões marítimas territoriais nas quais a China está envolvida, com exceção de Taiwan, resumem-se prioritariamente na busca por petróleo e gás.

Interesses marítimos territoriais

Mar do Sul da China

Considerado como o maior mar do mundo, o Mar do Sul da China possui cerca de 3 milhões de km². Conforme explicitado por

¹⁴ Extraído de <http://worldenergyoutlook.org/2007.asp>. Acesso em 30/6/2008.

¹⁵ Extraído de http://www.stratfor.com/products/premium/read_article.php?id=299799. Acesso em 3/3/2008.

¹⁶ Em aproveitamento do potencial hidrelétrico (VENTURA FILHO, 2008).

Pereira (2003), sua grande importância estratégica e econômica deve-se aos seguintes principais dados:

a) As rotas marítimas que ligam o Nordeste Asiático e a zona ocidental do Pacífico ao Oceano Índico e ao Oriente Médio atravessam o Mar do Sul da China.

b) Mais de 40 mil navios circulam anualmente no Mar do Sul da China, um volume de tráfego três vezes superior ao do Canal do Panamá e duas vezes superior ao do Canal de Suez.

c) Aproximadamente 15% do volume total do comércio mundial passam pelas LCM do Sudeste Asiático.

d) Mais de 80% do petróleo com destino ao Japão, à Coreia do Sul e a Taiwan é transportado através do Mar do Sul da China.

Especula-se, ainda, que o Mar do Sul da China seja rico em recursos energéticos, vitais para o desenvolvimento econômico dos países da região (SILVEIRA, 2008).

As reivindicações de China, Taiwan e Vietnã nas disputas territoriais no Mar do Sul da China são baseadas, de acordo com Pereira (2003), nos seguintes aspectos:

a) China – Alega que seus pescadores, desde a dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.), já ocupavam a região. Atualmente ocupa oito ilhas e reivindica todas.

b) Taiwan – Suas pretensões se equivalem às da RPC. Ocupa a Ilha Itu Aba, a maior das Ilhas Spratly.

c) Vietnã – Após sua independência da França reivindica total soberania sobre a região, ocupando atualmente 25 ilhas.

Malásia, Filipinas e Brunei também aspiram à soberania de algumas ilhas na região, tendo em vista a proximidade de seu território e a projeção de sua plataforma continental (caso da Malásia).

De acordo com Cole¹⁷ (2001), a China possui disputas territoriais em quatro áreas do Mar do Sul da China: Ilhas Natuna, com Indonésia e Vietnã; Golfo de Tonkin, com Vietnã; Ilhas Paracel, com Taiwan e Vietnã; e Ilhas Spratly, com Taiwan, Vietnã, Malásia, Filipinas e Brunei.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) estabelece, em seu Art. 2º da Parte II, que a soberania¹⁸ do Estado costeiro estende-se além de seu território e de suas águas interiores e, no caso de Estado arquipélago, das suas águas arquipelágicas, a uma zona de mar adjacente designada de Mar Territorial, possuindo uma largura que não ultrapasse 12 milhas náuticas, medidas a partir das linhas de base estabelecidas na própria CNUDM.

Em sua Parte V, estabelece a criação de Zona Econômica Exclusiva (ZEE), definida como uma zona situada além do Mar Territorial e a este adjacente, que não deverá se estender além das 200 milhas náuticas, também medidas a partir das mesmas linhas de base que servem de referência para o Mar Territorial. Na ZEE, o Estado costeiro possui direitos de soberania para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais, vivos ou não vivos, das águas sobrejacentes ao leito do mar e seu subsolo, e no que se refere a outras atividades com vista à exploração e aproveitamento da zona para fins econômicos, como a produção de energia a partir da água, das correntes e dos ventos.

Com relação à Plataforma Continental (PC), definida no Art. 76 da Parte VI, pode-se estender até uma distância que não exceda as 350 milhas náuticas da linha de base a partir da qual se mede a largura do Mar Territorial ou a uma distância que não exceda 100 milhas náuticas da isóbata¹⁹ de

¹⁷ Inseriu a Indonésia na disputa territorial do Mar do Sul da China.

¹⁸ Essa soberania estende-se, de acordo com a CNUDM, ao espaço aéreo sobrejacente ao Mar Territorial, bem como ao leito e ao subsolo deste mar.

¹⁹ Linhas de mesma profundidade.

2.500 metros, que é uma linha que une profundidades de 2.500 metros. Sobre essa PC, o Estado costeiro exerce direitos de soberania para efeitos de exploração e aproveitamento de seus recursos naturais.

Como a China assinou e ratificou a CNUDM em 1996 (COLE, 2001), deverá cumprir o disposto na Parte XV – Solução de Controvérsias, que prevê a obrigação de solucionar controvérsias por meios pacíficos.

Na visão deste autor, as disputas territoriais são grandes. Como observado acima, e na tentativa de manter a estabilidade regional, a China tem buscado soluções pacíficas nos assuntos externos, com a influência de seu “Poder Brando”, junto aos países envolvidos, preferencialmente em acordos bilaterais. Os foros internacionais são utilizados quando ela não consegue, de acordo com seus interesses, resolver o contencioso. Nesse caso, poderá também fazer uso de seu “Poder Bruto”, principalmente em relação às Ilhas Spratly e Paracel, caso seja confirmada a existência de petróleo nas proximidades das áreas em questão.

Mar do Leste da China

Um grupo de cinco pequenas ilhas e três rochas que afloram à superfície do mar, localizadas a 90 milhas náuticas a nordeste de Taiwan e a 220 milhas náuticas a sudoeste da Ilha de Okinawa, é motivo de disputa territorial entre a China e o Japão (COLE, 2001).

As Ilhas Diaoyu²⁰, de acordo com Silveira (2008), são localizadas em áreas ricas em petróleo e gás. Eram chinesas até o Tratado de Shimonoseki, celebrado em 1895 entre o Japão e a China, após a vitória do primeiro na guerra entre os dois países, quando seu

controle, juntamente com Taiwan, foi passado aos japoneses. Com a derrota nipônica na Segunda Guerra Mundial, as potências aliadas devolveram apenas Taiwan aos chineses, permanecendo o grupo de ilhas em disputa até os dias atuais.

Ambos os países têm explorado gás na área em questão, aumentando a tensão na região. Com frequência os japoneses reclamam da presença de navios e submarinos chineses nas águas em disputa (SILVEIRA, 2008).

Verifica-se, neste contexto, que, acima da disputa por soberania, ambos desejam o monopólio das riquezas das jazidas submarinas que porventura sejam descobertas nessa área marítima.

Caso Taiwan

Registros históricos indicam que a ocupação da Ilha de Taiwan por militares e civis chineses remonta a mais de 1.700 anos, de acordo com o sítio da Embaixada da República Popular da China no Brasil²¹. Porém, em 1624, os holandeses a ocuparam, buscando estabelecer um posto de comércio. Zhen Chengong recuperou a ilha para os chineses em 1662. Em 1684, a dinastia Ming oficialmente a incorporou à província de Fujian, sendo elevada a província de Taiwan em 1885.

Após a derrota na guerra com o Japão, em 1894, a dinastia Qing viu-se obrigada a assinar o Tratado de Shimonoseki, passando a ilha ao controle nipônico. De acordo com Fairbank (2007), “Taiwan era a primeira colônia japonesa com características de uma potência moderna”. Os novos administradores da ilha buscaram transformar Taiwan em um modelo de crescimento econômico. Fomentaram a educação básica,

²⁰ Ilhas Senkaku para os japoneses.

²¹ www.embchina.org.br/por/ztzi/twwt/t150745.htm

ciência e língua japonesa, além de patrocinar associações de agricultores para incrementar a tecnologia agrônoma. Foram construídos mais de 10 mil km de estradas e ferrovias unindo toda a ilha, possibilitando o grande desenvolvimento da agricultura (FAIRBANK, 2007).

Com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, Taiwan voltou ao controle chinês, sendo ocupada, após 1945, pelos nacionalistas. Os insulares foram considerados traidores pelo KMT, tiveram seus bens confiscados e a economia da ilha entrou em colapso, em função da grande corrupção e da inépcia administrativa imposta pelos nacionalistas. Entre 8 e 10 mil taiwaneses foram assassinados pelo governo de Chiang Kai-Chek em 1947.

Nesse contexto, com a derrota para o PCC, os nacionalistas refugiaram-se na ilha em 1949. O líder do Partido Nacionalista, ao se instalar em Taiwan, deparou-se com a situação caótica imposta por seus representantes. Estabeleceu um regime capitalista, apoiado pelos norte-americanos, hostil ao recém-instalado governo comunista da RPC, liderado por Mao Tsé-Tung.

De acordo com Collazo (2005), a situação insular modificou-se com a morte de Chiang Kai-Chek em 1975. Seu filho, Jiang Jingguo, assumiu o poder, dando início a uma política mais liberal, com a legalização de partidos de oposição e a suspensão da lei marcial.

No que diz respeito ao posicionamento de Taiwan no concerto das nações, em 1971 a maioria dos Estados soberanos da Organização das Nações Unidas (ONU) deixou de reconhecê-la como o legítimo representante do povo chinês. Com a perda de seu assento na ONU para a RPC, os EUA passaram a reconhecer o governo de Pequim e, reiteradas vezes, participaram ser ade-

rentes à política de “uma única China” (FAS, 2006). Porém os atos norte-americanos não corresponderam aos fatos. O fornecimento de apoio militar a Taiwan não foi interrompido, e o fato de o Estreito de Taiwan ter sido considerado um objetivo estratégico para os EUA e o Japão em acordo firmado por ambos (SILVEIRA, 2008) comprova que a situação no Leste Asiático, dentro de um contexto geopolítico, ainda inspira preocupações.

Corroborando as afirmações contidas em FAS (2006) de que a China busca incrementar suas relações com Taiwan, promovendo maior integração através do Estreito, foi assinado, em 13 de junho de 2008, um acordo²² (considerado histórico pelas agências de notícias) estabelecendo voos regulares entre o continente e a ilha, permitindo maior fluxo de visitantes, tanto de taiwaneses ao continente, quanto de chineses à ilha. Nas palavras de Sun Tzu:

O comandante habilidoso submete seu inimigo sem partir para a batalha; derrota seu reinado sem operações de campo muito extensas. Com as forças intactas, disputa o domínio do império. Dessa maneira, suas armas não sofrerão desgastes e, sem perder um soldado, sua vitória será completa. Esta é a arte de preparar para o ataque. (SUN TZU)²³

Na visão do autor, outro fato que aparentemente indica promover a estabilidade e a paz nas relações através do Estreito refere-se à vitória de Ma Ying-Jeou, do Partido Nacionalista, nas eleições para presidente de Taiwan, realizadas em 2008. Em sua campanha eleitoral, defendeu uma aproximação pacífica com a RPC, corroborando a mesma posição dos eleitores insulares.

²² Disponível em www.inforpress.cv/index.php?option

²³ BUSHIDÔ, Nikko. A arte da guerra: Os treze capítulos originais, São Paulo: Sapienza, 2005, p. 42-43.

O governo chinês, que considera Taiwan como sua 23ª província, admite uma relativa flexibilização com relação ao capitalismo adotado pela ilha, nos moldes ao aplicado a Hong Kong – “uma China, dois sistemas”. Porém, conforme evidenciado em FAS (2006), se os movimentos separatistas se intensificarem, incrementando uma política radical pela independência, falhando o “Poder Brando” e a diplomacia, a RPC não descarta a possibilidade do uso de seu poder militar (já previamente autorizado pela Lei Antissecessão, de 2005), dando início a um conflito armado que desestabilizaria toda a Ásia-Pacífico.

A MARINHA DO EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO (EPL)

A Marinha chinesa deve assumir sua responsabilidade histórica e se desenvolver rapidamente para se transformar na maior potência naval na área Ásia-Pacífico, de modo a garantir o progresso tranquilo da modernização econômica da China. Almirante Liu Huaqing. (COLE, 2001, p.169)

A formação da Marinha do EPL

A vitória do PCC em 1949 foi consolidada pelo Exército²⁴. Após a retirada das forças nacionalistas para Taiwan, o EPL não teve capacidade de projetar poder sobre a ilha ocupada. Desta maneira, na tentativa de recuperá-la e evitar ataques por parte do KMT, o novo governo de Pequim criou o Comando Militar do Leste da China (CMLC), sediado em Xangai.

De acordo com ONI (2007), foi criada a Marinha do CMLC em 23 de abril de 1949, com as tarefas de “defender o litoral chinês, continuar a luta contra as forças de Chiang Kai Shek e ajudar na reconstrução econômica” (COLE, 2001, p.16-17).

Os primeiros navios desta nascente Marinha foram as unidades que, de acordo com Silveira (2008), não aderiram ao KMT na sua fuga para Taiwan.

Na primeira década do novo governo, Mao procurou apoio soviético para equipar a Marinha. Ao se analisar, dentro da moldura temporal alocada, verifica-se que a Marinha chinesa obteve um acréscimo considerável de meios flutuantes, principalmente submarinos, baseado em forte apoio soviético. Foram construídos estaleiros, bases e escolas navais. Cole (2001) credita como “o ponto alto desta cooperação o Acordo de Novas Tecnologias, assinado em fevereiro de 1959, que previa a compra de submarinos convencionais e de lanchas torpedeiras armadas com mísseis”²⁵.

Durante o período conhecido como “Cem anos de humilhação”²⁶, ficaram evidenciadas as vulnerabilidades estratégicas das fronteiras marítimas chinesas. Mao possuía a convicção que tal fato ocorreu devido à inexistência de uma Marinha com credibilidade que pudesse se contrapor às agressões externas (SILVEIRA, 2008).

É relevante observar que, no início dos anos 50, a ex-URSS estava engajada em um maciço programa de construção de submarinos. A título de comparação, nos 40 anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, os EUA construíram cerca de 150 submarinos. No mesmo período,

²⁴ Inicialmente com o nome de Exército Vermelho, criado em agosto de 1927, o Exército Popular de Libertação (EPL) recebeu esta denominação em 1946.

²⁵ COLE, 2001, p. 94.

²⁶ Período compreendido entre 1842 e 1949, durante o qual a China sofreu diversas invasões, sempre pelo mar, de países ocidentais e do Japão.

os soviéticos construíram mais de 600 unidades, de acordo com Ranft e Till (1983).

Neste contexto, a prioridade dada por Mao em 1960 foi a de desenvolver e construir submarinos de propulsão nuclear, mostrando, desde o início da formação de sua Marinha, a importância que a Força de Submarinos teria para a China.

A Constituição da RPC e a Lei de Defesa Nacional especificam as tarefas das Forças Armadas (CHINA, 2007):

- a) consolidar a defesa nacional;
- b) resistir a agressões externas;
- c) defender a Pátria;
- d) salvaguardar o trabalho pacífico do povo;
- e) participar da construção nacional;
- f) servir “sinceramente” ao povo.

As Forças Armadas chinesas, de acordo com a Constituição, a Lei de Defesa Nacional e outras leis relevantes, encontram-se sob o comando do PCC. A Comissão Militar Central (CMC) do PCC dirige e assume o Comando Militar unificado das Forças Armadas. Este é composto por um presidente, três vice-presidentes, quatro diretores dos departamentos-gerais e pelos comandantes de Força. (FAS, 2006).

Shambaugh (2002) comenta que essa estrutura militar organizacional remonta essencialmente ao modelo importado dos soviéticos no início dos anos 50, com a centralização no CMC, departamentos-gerais (com o domínio do PCC e um sistema de comissariado político), regiões militares e comandos de Força.

Nesse contexto, a missão da Marinha é “defender-se contra invasões inimigas vindas do mar, defender a soberania do Estado sobre suas águas territoriais e salvaguardar os direitos e interesses do Estado” (ONI, 2007).

Para o cumprimento de sua missão, a Marinha chinesa está dividida em cinco forças prin-

cipais, quais sejam: submarinos, superfície, aviação naval, defesa costeira e fuzileiros navais. Dentro dessa estrutura, Howarth (2006) destacou a importância que os submarinos têm na concepção de defesa da China:

A preponderância de submarinos na estrutura da Marinha chinesa é o testemunho da importância que Pequim dá à manutenção da capacidade ofensiva da arma submarina. (HOWARTH, 2006, p. 15)

A sua estrutura administrativa é dividida em quatro departamentos de primeiro nível: Comando, Político, Logístico e Equipamento.

O Comando da Marinha possui, como subordinados diretos, as Esquadras do Mar do Norte, do Leste e do Sul. Cada Esquadra tem, em sua cadeia de comando, bases navais, centros de adestramento e organizações de apoio.

Ressalta-se que os comandantes das Esquadras estão no mesmo nível hierárquico dos diretores dos quatro grandes Departamentos (ONI, 2007).

A Marinha, aderente ao China's National Defense in 2006²⁷, está trabalhando para construir uma moderna força naval operativa consistindo de meios convencionais e nucleares. Sua meta é a informatização, e seu foco estratégico no caminho da modernização considera como de alta prioridade o desenvolvimento de sistemas de informação marítimos e novas gerações de equipamentos e armamentos. Também se esforça para adestrar forças navais capazes de conduzir operações sob condições de informatização e incrementando sua capacidade de operar em águas costeiras, operações conjuntas e apoio marítimo integrado.

Seu inventário atual inclui 72 fragatas e contratorpedeiros, 58 submarinos convencionais e nucleares e 50 navios anfíbios,

²⁷ Livro Branco de Defesa da China (FAS, 2006).

além de grande quantidade de navios-patrolha armados com mísseis, navios varredores e de apoio (USA, 2008).

A Força de Submarinos da China²⁸

Os submarinos convencionais e de propulsão nuclear possuem algumas características que os tornam uma ameaça a qualquer Força Naval. Sua enorme capacidade de ocultação, relativa independência dos fatores ambientais e mobilidade tridimensional fazem com que este navio de guerra projetado para operações abaixo da superfície do mar ocupe posição de destaque no cumprimento das tarefas básicas de negação do uso do mar, projeção de poder sobre terra e contribuição para a dissuasão²⁹.

De acordo com Vianna Filho (2007), o submarino é elemento fundamental do Poder Naval e, por sua capacidade ofensiva, contribuinte essencial de estratégias que “compreendam tarefas de negação do uso do mar”. Ele é essencial para a “estratégia da dissuasão” em cenários onde o uso do mar pode ser primordial para ações antagônicas e, consequentemente, para defesa dos interesses dependentes do Poder Marítimo.

Liberatti (2002) assim se posicionou com relação à presença de submarinos nos mares:

A ocultação implica incerteza quanto à presença, obrigando o adversário a ingentes esforços para equilibrar a equação. Assim, a posse de submarinos causa um desequilíbrio a favor de quem o

tem. Sua existência, ou a simples suposição de sua presença, pode condicionar o curso dos acontecimentos na guerra. (LIBERATTI, 2002)

Após a consolidação da RPC em 1949, Mao buscou apoio na ex-URSS. Os chineses começaram a aprender como operar um submarino em 1951, por meio de uma unidade da Força de Submarinos soviética da Esquadra do Pacífico, atracada em um porto chinês (ONI, 2007).

Como herança do apoio recebido por parte da ex-URSS, a Força de Submarinos chinesa era considerada por especialistas ocidentais, até o início deste século, antiquada. O Projeto 633 (classe *Romeo*)³⁰, do início dos anos 1950, foi iniciado em um período de grande ambição para a Marinha soviética (planejava-se construir 560 *Romeo*), porém, em 1955, o Presidente Kruschew decidiu interromper o programa³¹, transferindo toda a tecnologia para a China.

No período de 1960 a 1984, a China construiu 72 unidades da classe *Romeo*, das quais cerca de 20 ainda estavam operativas em 2005. A Marinha chinesa ainda opera com cerca de 17 *Ming*, Projeto 035, uma evolução dos *Romeo*.

Para substituir esses antigos e ruidosos submarinos, investiram em novas classes. O Projeto 039/039A, classe *Song*, foi concebido e construído nos estaleiros chineses. O primeiro foi lançado em 1994 e começou a operar em 1999.

²⁸ Quando se fala em Força de Submarinos da China entenda-se como a Força de Submarinos da Marinha do Exército Popular de Libertação (Nota do autor).

²⁹ No caso específico da contribuição para a dissuasão, o submarino nuclear é particularmente adequado, em função de suas características. A simples existência desse meio já acarreta uma grande ação dissuasória (LIBERATTI, 2002).

³⁰ As principais características dos submarinos chineses e seus respectivos armamentos podem ser encontradas no *Jane's Fighting Ships*.

³¹ Era intenção construir apenas submarinos nucleares. Com a interferência da Marinha soviética, arguindo que os submarinos nucleares eram caros e a necessidade dos convencionais para operar em *brown waters*, o Projeto 633 foi reiniciado na ex-URSS, em 1962, com a construção de 21 unidades (MILLER, 2002).

Estima-se, pela falta de dados oficiais, a existência de 20 *Song*³² operativos em 2008. Para exemplificar a capacidade operativa desta classe de submarinos, em outubro de 2006 ocorreu um incidente naval envolvendo um *Song* e o Grupo de Batalha do USS *Kitty Hawk*, nas proximidades de Okinawa, quando o submarino chinês veio à superfície sem ser detectado pelos escoltas e dois submarinos da classe *Los Angeles* que compunham o Grupo de Batalha. De acordo com Liberatti (2007), o Pentágono reconheceu que nenhum de seus meios na região foi capaz de perceber a aproximação do referido submarino.

Prosseguindo em sua modernização, em 1994 a China comprou seus primeiros submarinos da classe *Kilo*. Encomendados à Rússia, inicialmente recebeu duas unidades do Projeto para Exportação 877 e, em 1996, mais duas unidades do modelo 636. O programa foi tão bem aceito pela Marinha chinesa que em 2002 foram encomendadas mais oito unidades. O último 636 foi recebido em 2006.

Desta forma, hoje possui 12 submarinos da classe *Kilo*, considerados dos mais silenciosos submarinos convencionais da atualidade.

A mais nova classe de submarinos convencionais desenvolvida por projetistas

chineses é a *Yuan*, Projeto 041. O primeiro deles foi lançado em 2004 pelo estaleiro Wuhan e se assemelha bastante com os *Kilo* e os *Song*. Por conta dessa característica, Murray (2007) descreve que o *Yuan* pode ser considerado um *Kilo* com características chinesas ou um *Song* com características russas. Ji (2006), quando descreve as novas capacidades adquiridas pela Marinha chinesa a partir de 2000, relata que a classe *Yuan* está dotada com AIP³³.

Os chineses lançaram seu primeiro SSN³⁴

Os chineses lançaram seu primeiro SSN, classe *Han*, em 1974, e o quinto foi comissionado em 1990

(Projeto 091), classe *Han*, em 1974, e o quinto foi comissionado em 1990. Este projeto nacional refletiu a importância que os líderes chineses davam à propulsão nuclear.

Além de ser o precursor em energia nuclear, incorporou o *design* do *Albacore*³⁵. Apesar de serem considerados ruidosos, de fácil detecção, em outubro de 1994 um classe *Han* aproximou-se do Grupo de Batalha do USS *Kitty Hawk*, na cota periscópica³⁶, no Mar Amarelo, em clara demonstração dos novos desafios que a Marinha norte-americana passaria a enfrentar na região (MILLER, 2002).

Primeiro SSBN³⁷, segundo Miller (2002), projetado e construído na Ásia, o classe *Xia* (*Daqingyu*) foi lançado em 1981. Único da classe, enfrenta uma série de problemas relacionados com seu sistema de lan-

³² De acordo com Fisher Junior (2007), os estaleiros chineses teriam a capacidade de construir de duas a três unidades da classe *Song* por ano.

³³ AIP – “Air Independent Propulsion” (propulsão independente de ar atmosférico), que permite aumentar o período de permanência em imersão de um submarino, sem a necessidade obrigatória de expor seus mastros para carregar suas baterias.

³⁴ Designação dada pela Otan para submarino nuclear de ataque.

³⁵ Submarino convencional norte-americano que, na década de 1950, incorporou as vantagens de um casco resistente menor, mais bojudo, em forma de gota, e a substituição dos dois eixos da propulsão por apenas um. (MILLER, 2002)

³⁶ Profundidade na qual o submarino pode realizar observações com o periscópio.

³⁷ Designação dada pela Otan para submarino nuclear lançador de mísseis balísticos.

çamento de mísseis JL-1. Operativo desde 1987, não existem relatos de nenhuma grande comissão realizada pelo *Xia*.

Encontra-se substituindo seu JL-1 pelo novo JL-2, com alcance de até 10 mil km, que equipa a nova classe de SSBN da China, a classe *Jin* (Projeto 094), com dois submarinos incorporados até 2005 (FISHER JUNIOR, 2007).

Em dezembro de 2002 foi lançada ao mar a nova classe de SSN, a classe *Shang* (Projeto 093). Em 2003 foi lançado o segundo da classe e, de acordo com diversos analistas, ambos encontram-se operativos (MURRAY, 2007).

Para contribuir nas operações de seus submarinos, a Marinha chinesa possui dez navios de apoio e três navios da classe *Dajiang* com grandes *cranes*³⁸, além de dois DSRVs³⁹ de 35 toneladas.

Seus submarinos estão divididos em seis flotilhas, com cerca de dez submarinos cada. A Esquadra do Norte possui, subordinada a ela, três flotilhas; a Esquadra do Leste, duas; e a do Sul, uma. Os *Kilo* estão operando sob o comando da Esquadra do Leste, sugerindo com isso que possam ser empregados em tarefas no Estreito de Taiwan ou no Mar do Sul da China (McDEVITT, 2000).

Subordinada à Esquadra do Norte, a Base de Jianggezhuang provê apoio aos submarinos nucleares. Localizada nas proximidades da cidade de Qingdao, no Mar Amarelo, dispõe de seis píeres, diques e facilidades submarinas subterrâneas. De acordo com Kristensen (2006), a largura na entrada deste túnel é de 13 metros. O tamanho real e suas facilidades internas são desconhecidos, sabendo-se apenas que são capazes de abrigar seus submarinos balísticos. A decisão de construir abrigos para os submarinos partiu de Mao, em 1966, e, dois anos após, a Marinha iniciava

as obras desse abrigo, de modo a proteger as defesas do país contra ataques externos.

Uma nova base está sendo construída ao sul da Ilha Hainan, nas proximidades da cidade de Sanya. Localizada no Mar do Sul da China, a base será capaz de receber um grande número de navios de superfície e submarinos, inclusive SSN e SSBN. Kristensen (2008) reporta essa possibilidade em função das facilidades por ela oferecida, como, por exemplo, abrigos subterrâneos para submarinos similares aos da Base de Jianggezhuang.

No entendimento do autor, torna-se evidente a intenção chinesa de aumentar sua presença naval além do estreito de Taiwan, em consonância com o escopo pretendido por sua nova estratégia naval.

ESTRATÉGIA NAVAL DA CHINA

“Observe calmamente; assegure a nossa posição; lide com os assuntos com calma; oculte nossas capacidades e aguarde a nossa hora; seja bom em manter a discrição; e nunca reivindique a liderança.”

Estratégia em 24 Caracteres-Deng Xiaoping

Estratégia naval da China

A partir de 1985, Pequim iniciou uma reforma radical em suas Forças Armadas. Forças terrestres foram numericamente reduzidas e, com isso, mais recursos ficaram à disposição da CMC para ser implantada a modernização do EPL.

Esses recursos disponibilizados para a modernização do EPL incluíam o desenvolvimento da indústria de defesa nacional, incremento no uso de tecnologia dual e aquisição de tecnologia importada. Oficialmen-

³⁸ Guindastes (COLLINS, 2004).

³⁹ Deep Submergence Rescue Vehicle – veículo de resgate submarino.

te, os gastos com defesa anunciados por Pequim para 2007 foram de US\$ 46 bilhões. De acordo com o Departamento de Defesa (DoD) norte-americano, esses dados informados não exprimem a realidade chinesa, visto que, além da falta de transparência, não foi incluída nessa conta uma grande categoria de gastos. Para o DoD, os gastos militares chineses totais em 2007 oscilaram entre US\$ 97 bilhões e US\$ 139 bilhões.

Com suas fronteiras terrestres estabilizadas, principalmente após a assinatura do Tratado de Amizade e Boa Vizinhança Sino-Russo, a China passou a priorizar também a Marinha. O Livro Branco de Defesa da China de 2006 imputa a mesma ênfase, no que se refere a assuntos de defesa, ao Exército e à Marinha. Isso porque, na visão de Erickson (2007), os principais problemas da RPC relacionados a soberania e assuntos estratégicos são ligados ao mar em sua essência:

a) interesses marítimos estratégicos – as disputas territoriais envolvem ilhas e, consequentemente, o uso do mar;

b) interesses marítimos econômicos – seu comércio depende basicamente de suas linhas de comunicação marítimas, e o seu centro de gravidade econômico localiza-se em seu litoral, vulneráveis aos ataques de potências navais oriundos do mar; e

c) o caso Taiwan – sua situação insular, com o seu respectivo Estreito, envolverá o uso do mar em caso de conflito.

A influência soviética se faz notar na estratégia naval que foi adotada pelos chineses. O pensamento dos estrategistas da Young School⁴⁰ soviética enfatizava uma forte defesa costeira baseada em pequenas unidades de superfície e submarinos (HOWARTH, 2006).

O conceito de defesa marítima da ex-URSS era baseado em três áreas concêntricas que se estendiam de suas costas para o mar, com a profundidade de cada área determinada pelas capacidades militares de seus meios. De acordo com Ranft e Till (1983), seu perímetro defensivo começava com cerca de 500 milhas náuticas de seu litoral, sendo defendida externamente por submarinos da classe Zulu.

Após a morte de Mao, em 1976, despontou no cenário naval chinês o Almirante Liu Huaqing, com sólida formação soviética, adepto das ideias do Almirante Sergei Gorshkov⁴¹, que defendeu em seu livro *The Sea Power of the State* a mensagem central de que nenhuma nação pode aspirar a ser uma grande potência se não for forte no mar. Sob seu comando, a Marinha soviética desenvolveu-se a ponto de se tornar o único Poder Naval capaz de desafiar a Marinha norte-americana nos anos 80 (RANFT; TILL, 1983).

O comandante-em-chefe da Marinha no período de 1982 a 1988, Almirante Liu Huaqing, recebeu determinação da CMC para preparar a Marinha para duas tarefas

A influência soviética se faz notar na estratégia naval que foi adotada pelos chineses

⁴⁰ Escola de pensamento estratégico desenvolvida na ex-União Soviética logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, baseada, entre outras, nas seguintes condições particulares pós-revolucionárias:

a) o novo regime estava sob ataque político e militar por diversos países capitalistas; e

b) fronteiras marítimas cercadas por esquadras inimigas. (COLE, 2001)

⁴¹ Comandante da Marinha soviética nas décadas de 60 e 70, responsável pelo crescimento e modernização da esquadra, após a demonstração de fraqueza do Poder Naval soviético na crise dos mísseis de Cuba (COLE, 2001).

de alta probabilidade de ocorrência em curto e médio prazos:

- a) defesa da integridade territorial da China; e
- b) condução de um possível bloqueio contra Taiwan.

Também recebeu duas tarefas para médio e longo prazo:

- a) prevenção de uma invasão, a partir do mar, de larga escala; e
- b) dissuasão contra um ataque nuclear⁴².

Para o cumprimento das tarefas recebidas, era necessária uma mudança doutrinária no emprego da Marinha. Ela deveria expandir suas linhas de defesa costeira para uma *offshore defense* que compreendesse “operações defensivas e ofensivas em caso de ataque à China, não restritas em espaço ou tempo e concentradas nas fraquezas do inimigo” (SILVEIRA, 2008, p.183).

Liu identificou zonas marítimas (FIG.06) que a Marinha chinesa deveria ser capaz de controlar em sua estratégia de três fases, à semelhança da adotada por Gorshkov. A primeira zona, cujo controle representaria a primeira fase de sua estratégia, compreendia o Mar Amarelo (Japão e Península da Coreia), a parte ocidental do Mar do Leste da China, incluindo Taiwan, e o Mar do Sul da China.

Os principais interesses econômicos e estratégicos de Pequim encontram-se nessa área geográfica. De acordo com estrategistas chineses, esta área, conhecida como “The First Island Chain”, é representada por uma linha norte-sul que passa pela Ilhas Aleutas, Kurilas, arquipélago japonês, Ilhas Ryukyu, Taiwan, Filipinas e Indonésia. Liu enfatizou a necessidade de a Marinha ter a capacidade de exercer o controle dessa área até o ano 2000 (COLE, 2001).

A segunda zona marítima, representando a segunda fase da estratégia de Liu, foi identificada como “The Second Island Chain”. Consiste igualmente numa linha norte-sul, passando pelas Ilhas Kurilas e Japão, e se deslocando mais para o leste, através de Bonin, Ilhas Carolinas e Marianas. A Marinha deverá estar capacitada a exercer o controle desta área até 2020.

A terceira fase, mais ousada, estabelecia a criação de uma Marinha com capacidade de exercer influência global até 2050, aderente com a posição da RPC de importante ator no cenário internacional.

Dentro dessa estratégia, a primeira fase está relacionada com as *green waters* e as segunda e terceira fases correspondem às *blue waters*.

Ji (2006) definiu como *brown waters* as águas costeiras e *blue waters* aquelas além dos Mares do Sul e do Leste da China. E, entre elas, estariam as *green waters*.

É relevante mencionar definições consagradas, inseridas na British Maritime Doctrine⁴³, relacionadas com o domínio dos mares, utilizadas por diversas Marinhas. Buscando inspiração em teóricos históricos sobre estratégia naval, como o Almirante Alfred Thayer Mahan e Sir Julian Corbett, Comando do Mar seria a “habilidade de projetar poder confiando em nossas próprias forças navais, com capacidade de usar o mar em benefício próprio, enquanto nega o uso desse mesmo mar a um rival potencial ou inimigo” (BR 1806, 2004, p.41). Controle de Área Marítima seria uma forma limitada de Comando do Mar, constituindo-se da “condição em que se tem liberdade de ação para o uso do mar para os nossos próprios propósitos, em área es-

⁴² Neste caso seriam utilizados seus SSBN, com credibilidade para uma retaliação em caso de um ataque nuclear, de acordo com a política nuclear chinesa de *no first use* (Expressão utilizada por analistas do Departamento de Defesa norte-americano referindo-se à política declarada por Pequim de não ser o primeiro a fazer uso de armamento nuclear em caso de conflito (USA, 2008).

⁴³ Doutrina marítima britânica.

pecífica e por período limitado de tempo” (BR 1806, 2004, p.41). A Negação do Uso do Mar é “exercida quando um partido nega a outro a habilidade de controlar área marítima sem estar capacitado a controlar aquela área para ele mesmo” (BR 1806, 2004, p.42), sendo o uso de minagem e emprego de submarinos a forma clássica de seu emprego.

Após cerca de 25 anos desde que a Marinha chinesa iniciou a busca pela sua nova estratégia naval, alguns autores afirmam que houve um atraso de pelo menos cinco anos na consecução de sua primeira fase. Ji (2006) cita como principal causa a estagnação nas capacidades navais chinesas no período entre 1990 e 1999. Porém, a partir de 2000, essa imobilidade foi substituída pela incorporação de um grande número de unidades de superfície e submarinos. De acordo com Erickson *et al.* (2007), a Marinha da China incorporou 31 novos submarinos nos últimos dez anos, reforçando a importância dada pelo governo chinês a este tipo de meio em sua estratégia naval. McDevitt (2000), nesse contexto, se expressou da seguinte maneira:

“Submarinos são o ingrediente essencial na Estratégia Marítima da China. Submarinos são centrais em qualquer tentativa de bloqueio a Taiwan, e são a melhor chance de a Marinha chinesa retardar ou destruir um Grupo de Batalha nucleado em navio-aeródromo norte-americano”. (McDEVITT, 2000)

Na perspectiva acima mencionada, este autor entende que a primeira e a segunda fase da estratégia vislumbrada por Liu são baseadas na Negação do Uso do Mar, com limitada capacidade de Controle de Área Marítima.

A maior ameaça à estratégia pretendida pelos chineses na Ásia-Pacífico é a 7ª Esquadra norte-americana baseada no Japão. Possui, de acordo com Howarth (2006),

entre 50 a 60 navios, cinco a seis submarinos, 350 aeronaves e mais de 60 mil marinheiros e fuzileiros navais, além do Porta-Aviões *Kitty Hawk*. Operando de bases nas cidades japonesas, suas distâncias ao continente chinês oscilam entre 1.500 km (bases localizadas próximas a Tóquio) e 600 km (Okinawa); em relação à porção norte de Taiwan, variam de 1.900 km das localidades nas proximidades de Tóquio a 500 km de Okinawa.

Os governos de Tóquio e Seul, em caso de conflito envolvendo a China e os EUA, já se posicionaram negando permissão aos norte-americanos de conduzirem ataques a partir de seus territórios, temendo reação adversa dos chineses e de seu público interno. Isso corrobora uma das estratégias de Sun Tzu (BUSHIDÔ, 2005, p. 39), ao se preparar para o ataque: “A melhor inteligência militar é atacar as estratégias dos inimigos, em seguida atacar suas alianças, depois atacar seus soldados em seu próprio campo”.

A incorporação de novos submarinos convencionais e nucleares ao inventário da Marinha chinesa alterou significativamente a capacidade operativa da Força de Submarinos da China, transformando-a numa real ameaça ao Poder Naval de qualquer país.

Neste contexto, depois do atraso mencionado e na visão deste autor, a Força de Submarinos da China está capacitada atualmente para cumprir a tarefa básica de negação do uso do mar, contribuindo para o estabelecimento do controle previsto para a primeira fase da Estratégia Naval vislumbrada pelo Almirante Liu Huaqing.

Emprego de submarinos na estratégia naval da China

Os mares adjacentes ao continente chinês, do litoral até a borda de sua PC, são

relativamente rasos. A predominância de seu fundo é de areia, lama e sedimentos oriundos dos muitos rios que deságuam nos mares do Sul e do Leste da China e Amarelo. A profundidade média do Mar do Leste da China é de 349 metros. As amplitudes das marés variam de 5 metros em Taiwan a 11 metros na Baía de Hangchow, localizada a SW de Shanghai. O Mar Amarelo possui profundidades variando entre 60 e 80 metros. A porção N do Mar do Sul da China, aí incluído o Golfo de Tonkin e as águas adjacentes à Ilha de Hainan, não ultrapassa os 40 metros de profundidade. Tufões e violentas tempestades ocorrem entre maio e dezembro. Aliados aos intensos nevoeiros da primavera e ventos com força 7 ou mais em períodos equivalentes a 20% do ano, prejudicam a navegação no Estreito de Taiwan (HOWARTH, 2006).

No contexto das águas rasas da costa chinesa, os submarinos convencionais, principalmente os da classe *Kilo* e *Song*, levam vantagem sobre os submarinos nucleares de ataque. De acordo com Liberatti (2002), devido à limitação de velocidade, devem ser posicionados em Zonas de Patrulha (ZP), levando-se em consideração a análise dos fatores tempo-distância no planejamento de seu emprego.

Apesar de sua baixa velocidade quando mergulhados, podem ser posicionados rapidamente em ZPs situadas nas proximidades da First Island Chain, devido às distâncias envolvidas. Como exemplo, suspendendo de bases da Esquadra do Mar do Leste, os submarinos estariam a cerca de 100 milhas náuticas de Taiwan e desenvolvendo uma Speed of Advance (SOA)⁴⁴ de

4 nós, em 25 horas estariam numa ZP nas proximidades da ilha, prontos a cumprir, de maneira expedita, tarefas a eles impostas.

Durante a Guerra Fria, a ex-URSS empregava os submarinos convencionais em patrulha, próximos à costa, defendendo o continente de ataque de força naval opoente, enquanto os SSBN conduziam patrulhas de deterrência⁴⁵ em bastiões⁴⁶ como o Mar de Barents e o Mar de Okhotsk. Os SSN, por sua vez, eram empregados em operações contra SSN, SSBN e Grupos de Batalha nucleados em NAe inimigos (MURRAY, 2007).

O sucessor do Almirante Liu no Comando da Marinha da China, Almirante Zhang Lianzhong, definiu o posicionamento dos submarinos na Estratégia elaborada por seu antecessor. Tanto os convencionais como os nucleares de ataque se posicionariam para realizar a defesa em profundidade do perímetro externo da First Island Chain e lançamento de minas nas LCM inimigas (COLE, 2001).

O contexto acima reforça a posição de Shambaugh (2002), que vislumbrou o bloqueio naval como a melhor opção militar chinesa caso as relações com Taiwan se deteriores.

Como a Marinha de Taiwan possui apenas quatro submarinos⁴⁷ e uma reduzida força de minagem e varredura, aliada à sua limitada capacidade na guerra anti-submarino, a China não encontraria grandes oposições para tornar efetivo o bloqueio considerado.

A sua vulnerabilidade, relacionada aos poucos recursos naturais, e forte dependência do comércio marítimo conduziram a economia taiwanesa a um colapso em

⁴⁴ Velocidade de avanço.

⁴⁵ De acordo com o Glossário das Forças Armadas, possui o mesmo significado que dissuasão.

⁴⁶ Área estratégica na qual os SSBN eram pré-posicionados, defendidos por forças de apoio, em condições de efetuar o lançamento de seus mísseis.

⁴⁷ Dois antigos (da época da Segunda Guerra Mundial) classe Guppy americanos e dois classe Zwaardvis holandeses. (SHAMBAUGH, 2002)

poucos dias. Shambaugh (2002, p. 320-321) observou que:

O efeito sobre as necessidades energéticas de Taiwan seria igualmente devastador, na medida em que é totalmente dependente da importação de petróleo. Taiwan consome 0,25 mpd, e um superpetroleiro atraca no porto de Kaohsiung a cada três dias. E mais, suas reservas estratégicas em 1999 eram de apenas 18 dias.

De acordo com Howarth (2006), o pequeno tamanho da ilha e a existência de apenas dois portos principais (Keelung e Kaohsiung) em suas extremidades tornariam essa tarefa relativamente fácil para os submarinos convencionais e nucleares de ataque da Marinha chinesa.

Com relação aos SSBN, de acordo com Loewenthal (2007), a Marinha da China possui a capacidade de emprego em bastiões. Para manter essa postura estratégica de deterência, operando com pelo menos um em patrulha, deverá possuir três SSBN. De acordo com definição constante no Glossário das Forças Armadas (MD-35-G-01, 2007), estratégia de deterência (ou de dissuasão) caracteriza-se pela manutenção de forças militares suficientemente poderosas e prontas para emprego imediato, capazes de desencorajar qualquer agressão militar.

Seguindo a influência russa, caso Pequim faça a opção pelo emprego de seus SSBN em bastiões, estes não deverão estar localizados nos mares do Sul e do Leste da China, se desejar ter capacidade de contra-ataque em autodefesa contra objetivos localizados, por exemplo, nos EUA, dentro do princípio de *no first use*. O Xia e os novos Jin estarão equipados com o novo míssil JL-2, cujo alcance varia entre 8 mil e 10 mil km. A Tab. 1 mostra a distância de algumas cidades da costa oeste norte-americana e Washington D.C. em relação a um ponto no Oceano Pacífico localizado a 1.500 milhas náuticas a leste de Taiwan. Observa-se que pelo menos quatro grandes cidades norte-americanas (Los Angeles, San Francisco, Seattle e San Diego) estariam dentro do alcance do JL-2.

Kristensen (2008) realizou uma pesquisa para verificar o número de grandes patrulhas realizadas pelos submarinos chineses a partir de 1981. Apesar de ainda incipiente, observou um aumento no número de patrulhas realizadas em 2007 (seis) comparativamente com 2006 e 2005 (duas e nenhuma, respectivamente). Porém é relevante comentar que, de acordo com Kristensen (2008), nenhum de seus SSBN ainda realizou uma patrulha de deterência, apesar de estarem aptos a cumprir tal tarefa.

Analistas de inteligência ocidentais relataram que, em 1999, submarinos conven-

TABELA 1
DISTÂNCIA PARA UM PONTO LOCALIZADO 20° N / 150° E

CIDADE	DISTÂNCIA (km)	DISTÂNCIA (mn)
LOS ANGELES	7.738	4.808
SAN FRANCISCO	7.732	4.587
SEATTLE	7.081	4.400
SAN DIEGO	7.900	4.909
WASHINGTON	10.309	6.406

Fonte: LOEWENTHAL, 2007, p.300.

cionais e nuclear de ataque realizaram patrulhas de 45 a 60 dias de duração, nas proximidades da costa leste de Taiwan (SHAMBAUGH, 2002). Dentre os adestramentos realizados, destacou-se o exercício “sub x sub”⁴⁸, reforçando a preocupação chinesa com esse tipo de confronto.

Para que um submarino tenha a capacidade de efetuar patrulhas a grandes distâncias de sua base, como no exemplo de seus SSBN operando a 1.500 milhas náuticas a leste de Taiwan, e por um longo período, é fundamental que sua tripulação esteja bem adestrada, no mar e nos centros de instrução. Preocupada com a qualidade dos “dias de mar” de seus submarinos, a Marinha chinesa publicou novo guia de adestramento – OMTE⁴⁹ – pormenorizando todos os tipos de exercícios aos quais as tripulações de seus submarinos são submetidas, sejam em simuladores ou a bordo.

Uma das principais alterações determinadas pelo documento acima referenciado foi a substituição do conceito de comissões curtas, com os submarinos suspendendo pela manhã e atracando no final da tarde, por comissões mais longas, de modo a testar a *endurance* de suas tripulações, principalmente em condições de tempo adversas (ONI, 2007).

A qualidade do fator humano envolvido nos submarinos chineses é de difícil mensuração. A eficiência em combate repre-

senta mais do que simplesmente a capacidade de seus sistemas de armas. Devem ser levados em consideração fatores como experiência, adestramento, moral e cultura militar do comandante e suas tripulações.

A Marinha da China, apesar de não possuir experiência em operações de guerra que pudessem atestar a efetividade de seus submarinos em combate, tem dado inequívocas demonstrações de seu esforço na busca pela sua estratégia de *blue waters*, dependendo para tal do grande crescimen-

to econômico que o país atravessa, que possibilita a alocação de recursos necessários à sua modernização/incorporação de meios navais no estado da arte.

CONCLUSÃO

A RPC tem problemas de disputa de soberania desde o início de sua formação, em 1949. A inexistência de uma Marinha sólida

naquele momento impediu que Taiwan fosse reincorporada ao continente chinês.

Ficou evidenciado que Mao Tsé-Tung considerava que os submarinos exerceriam um papel fundamental na Marinha chinesa. Para tal, buscou apoio da então URSS para aquisição e construção desses meios navais, já no início dos anos 1950.

A China, a partir da aplicação das “Quatro Modernizações” de Deng Xiao Ping, vem obtendo um crescimento médio de seu PIB próximo a 10% desde 1980, o que a transforma na quarta maior potência eco-

Na busca pelo seu desenvolvimento pacífico, a China prioriza o uso de seu Poder Brando sem, no entanto, descuidar de seu Poder Bruto, para fazer valer seus interesses marítimos econômicos e territoriais, caso a diplomacia falhe

⁴⁸ Tipo de exercício envolvendo confronto entre submarinos.

⁴⁹ OMTE – Outline of Military Training and Evaluation (ONI, 2007).

nômica mundial e na segunda em Paridade de Poder de Compra (PPP), atrás apenas dos EUA.

Na busca pelo seu desenvolvimento pacífico, a China prioriza o uso de seu Poder Brando sem, no entanto, descuidar de seu Poder Bruto, para fazer valer seus interesses marítimos econômicos e territoriais, caso a diplomacia falhe.

Para respaldar esses interesses, ficou evidenciada a importância da Marinha na defesa da soberania do Estado nas águas territoriais chinesas. Nesse contexto, foi destacada a importância das LCM, não só para o seu comércio internacional como também para o transporte do petróleo importado, recurso natural indispensável para a manutenção do atual estágio de crescimento econômico da China.

A fim de atingir seus objetivos, a Marinha chinesa vislumbrou a necessidade de efetuar uma mudança doutrinária no seu emprego. Foi adotada uma Estratégia Naval ousada, na qual foi estabelecido que a

China deverá obter capacidade de exercer influência global nos mares até 2050. Para tal, essa Estratégia foi fracionada em três fases. Na primeira fase foi enfatizada a necessidade de a Marinha exercer o controle da área conhecida como The First Island Chain até 2000. Ficou evidenciado que houve atraso de, pelo menos, cinco anos nessa tarefa, causado pela estagnação nas capacidades navais chinesas no período de 1990 a 1999. Na visão do autor, com a retomada do programa de reaparelhamento de seus meios navais, a Força de Submarinos chinesa está capacitada para o cumprimento da tarefa básica de negação do

uso do mar, contribuindo para o estabelecimento do controle previsto nessa primeira fase da Estratégia Naval.

Na segunda fase da Estratégia Naval chinesa, foi verificado que a Marinha deverá obter a capacidade de controlar a área limitada pela The Second Island Chain até 2020, antes de se tornar uma efetiva Marinha de *blue waters* até 2050, ao término da terceira fase da referida Estratégia Naval.

Como os mares adjacentes ao continente chinês, do litoral até a borda de sua PC, são relativamente rasos, foi demonstrada a importância dos submarinos convencionais chineses naquelas águas. Foi definido também o posicionamento de submarinos convencionais e nucleares de ataque no perí-

metro externo da The First Island Chain, a fim de realizar sua defesa em profundidade, além do lançamento de minas nas LCM inimigas.

A Marinha da China recebeu as tarefas de condução de um possível bloqueio contra Taiwan e dissuasão contra ataque nuclear. No caso

de ocorrer deterioração nas relações com Taiwan, falhando a diplomacia, a Marinha chinesa está apta a exercer bloqueio naval à ilha. Seus submarinos, conforme salientado, são fundamentais para que tal ação se torne efetiva, estrangulando a economia taiwanesa.

Com a incorporação de novos SSBN da classe *Jin*, a China está capacitada a exercer a dissuasão contra ataques nucleares, com credibilidade para uma retaliação, de acordo com sua política nuclear de *no first use*.

Na visão do autor, a Marinha chinesa tem fornecido inequívocas demonstrações de seu esforço na busca pela sua estratégia

**Os submarinos são
fundamentais na Estratégia
Naval chinesa,
corroborando a visão de
futuro de Mao por ocasião
da formação de sua
Marinha**

de *blue waters*, incorporando ao seu inventário, nos últimos dez anos, modernos meios navais, principalmente submarinos, e construindo modernas bases para os seus SSBN, além de modificar o padrão de adestramento das tripulações de submarinos, priorizando maior permanência no mar.

Como foi enfatizado no decorrer do trabalho, os submarinos são fundamentais na

Estratégia Naval chinesa, corroborando a visão de futuro de Mao por ocasião da formação de sua Marinha. Tais meios, empregados em consonância com a Estratégia prevista e com suas tripulações bem adestradas, serão uma ameaça a qualquer Poder Naval que pretenda interferir nos seus interesses marítimos econômicos e territoriais.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Marinha da China; Submarino; China;

REFERÊNCIAS

- ARIAS, Julio. *El Poder Blando de China*. Foreign Affairs (Edição Espanhola). Madrid, agosto/setembro de 2005.
- BAKER III, A. D. "Counting Sails: The Submarine Census". *Proceedings*. Annapolis, June 2007. p. 44-47.
- BLANC, Cláudion; PERES, Marly Netto. *Relatório da CIA: Como será o mundo em 2020*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BR 1806. *British Maritime Doctrine*. 3 ed., Norwich: TSO, 2004.
- BUSHIDÔ, Nikko. *A Arte da Guerra: Os treze capítulos originais: edição completa/ Sun Tzu*. São Paulo: Sapienza, 2005. Título original: *The Art of War*.
- CHINA. *Military Technology-2007*. Bonn, issue 1, vol.XXXI, p. 347, 2007.
- COLE, Bernard D. *The Great Wall at Sea*. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2002.
- CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O DIREITO DO MAR. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Mar, 1985. 313 p. (Versão em Língua Portuguesa com Anexos e Acta Final da Terceira Conferência das Nações Unidas sobre os Direitos).
- COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Chinese Military Power*. New York: Council on Foreign Relations Press. 2003.
- ERICKSON, Andrew S. et al. *China's Future Nuclear Submarine Force*. Annapolis: Naval Institute Press, 2007.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: Uma nova História*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007. 520 p.
- FAS, Federation of American Scientists. *China's National Defense in 2006 White Paper*. Information Office of the State Council. People's Republic of China. 29 de dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/china/doctrine/wp2006.html>>. Acesso em: 14 março, 2008.
- FISHER JR., Richard D. "The impact of Foreign Technology on China's Submarine Force and Operations". In: ERICKSON, Andrew S. et al. *China's Future Nuclear Submarine Force*. Annapolis: Naval Institute Press, 2007. p. 135-161.

- FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242 p.
- GILL, Bates. *Rising Star: China's new security diplomacy*. Washington: The Brookings Institution. 2007.
- GOLDMAN, Merle. *A era de reformas pós-Mao*. In: FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: Uma nova História*. Porto Alegre: L&PM, 2007. Cap. 21. p. 372-411.
- GUERRA, Yapery Tupiassú de Britto. *A Evolução Técnica do Submarino*. São Paulo: Força Pública do Estado de São Paulo, 1964. 170 p.
- HORTON, Edward. *The Illustrated History of the Submarine*. New York: Doubleday, 1974. 160 p.
- HOWARTH, Peter. *China's Rising Sea Power (The PLA Navy's Submarine Challenge)*. New York: Frank Cass, 2006.
- JACOBS, Keith. "PLA-Navy Update". *Naval Forces*. Bonn, nº 1/2007, vol. XXVIII, p. 18-30, Jan. 2007.
- JANE'S Fighting Ships 2001-2002. London: Jane's Yearbooks, 2001. 907 p.
- JI, You. "China's Naval Strategy and Transformation". In: PRABHAKAR, Laurence W.; HO, Joshua H.; BATEMAN, Sam. *The evolving maritime balance of power in the Asia-Pacific*. Nanyang: Institute of Defence and Strategic Studies Press, 2006. Cap. 4. p. 71-94.
- KRISTENSEN, Hans M. *China's Nuclear Missile Submarine Base*. Federation of American Scientists. 16 de fevereiro de 2006. Disponível em: <<http://www.nukestrat.com/china/subcave.htm>>. Acesso em: 25 de janeiro. 2008.
- LOEWENTHAL, Robert G. "Cold War Insights". In: ERICKSON, Andrew S. *et al.* *China's Future Nuclear Submarine Force*. Annapolis: Naval Institute Press, 2007, p. 288-301.
- LIBERATTI, Wellington. Aula Inaugural do CASO 2002. *O Periscópio*. Niterói, n. 56, p. 3-14, 2002.
- MARRONI, Luciana M. C. *China: Potência Militar Mundial na Próxima Década*. 2007. 21 f. Monografia (Curso Superior)-Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2007.
- MENZIES, Gavin. *1421: o ano em que a China descobriu o mundo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007.
- MILLER, David. *The illustrated directory of submarines of the world*. Minneapolis: MBI, 2002. 480 p.
- ONI, Office of Naval Intelligence. *China's Navy 2007*. Disponível em <<http://www.fas.org/irp/agency/oni/chinanavy2007.pdf>>. Acesso em 14 de março de 2008. 2007.
- PEREIRA, Rui. *A questão do Mar do Sul da China no contexto das relações China/países ASEAN*. Setembro de 2003. Disponível em <http://www.ciari.org/investigação/mar_sul_china.pdf>. Acesso em: 07 de março.2008. 2003.
- PRIMO, Marcelo E. *El ascenso pacífico de China Popular y su incidencia en América Latina*. 2007. 74 f. Monografia (Curso de Estado-Maior) – Academia de Guerra Naval, Viña del Mar, 2007.
- RANFT, B.; TILL, G. *The Sea in Soviet Strategy*. Annapolis: Naval Institute Press, 1983.
- SCOFIELD JUNIOR, Gilberto. "À espera de uma catástrofe". *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 mai. 2008. O Mundo, p. 35.
- SHAMBAUGH, David. *Modernizing China's Military: Progress, Problems, and Prospects*. Berkeley: University of California Press, 2004.
- SHIRK, Susan L. *China: Fragile Superpower*. New York: Oxford University Press. 2007. 320 p.
- SILVEIRA, Fernando Malburg da. "A disputa pela liderança da Ásia no pós-guerra fria (I)". *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 127, n. 10/12, p. 147-190, out./dez. 2007.
- _____. "A disputa pela liderança da Ásia no pós-guerra fria (II)". *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 128, n. 01/03, p. 149-199, jan./mar. 2008.
- SPENCE, Jonathan D. *Em busca da China moderna: Quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- NYE Jr., JOSEPH S. *Understanding International Conflicts: An Introduction to Theory and History*. 4th ed. New York: Longman, 2002. 288 p.

- PESCE, Eduardo Ítalo. “A Marinha do Brasil e a Ordem Marítima Mundial do Século XXI”. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 126, n. 7/9, p. 89-108, jul./set. 2006.
- _____. “Submarinos de Ataque: Nucleares ou Diesel-Elétricos?” *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 119, n. 7/9, p. 127-130, jul./set. 1999.
- PRESTON, Antony. *Submarinos*. Tradução de Francisco de Castro Azevedo. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. 64 p. Título original: *Submarines*.
- USA. US Department of Defense. *Annual Report to Congress: Military Power of People's Republic of China 2008*. Office of the Secretary of Defense. 2008. Disponível em: <<http://www.defenselink.mil/pubs/china/html>>. Acesso em 10 março. 2008.
- VENTURA FILHO, Altino. *A Política Energética Brasileira*. Palestra proferida pelo Secretário de Desenvolvimento e Planejamento Energético do Ministério das Minas e Energia na Escola de Guerra Naval em 20 de junho de 2008.
- ZENTGRAF, Maria Christina. *Introdução ao estudo da metodologia científica*. Rio de Janeiro: COPPEAD/UFRJ, 2006. Módulo de ensino.